

DE MELO, Edvaldo Antonio, *Por uma sensibilidade além da essência: Lévinas interpela Platão*. Roma: Gregorian and Biblical Press, 2018, 353p. (Col. Tesi Gregoriana – Serie Filosofia n. 35).

Paul Gilbert*

Lévinas enfatizou mais de uma vez que Platão foi uma de suas principais fontes de inspiração. Entretanto, os estudos sobre as relações entre o fenomenólogo e o ateniense são relativamente raros, um artigo (2000) de Jean-François Mattéi que deu o impulso à pesquisa, um longo artigo publicado por Jean-Marc Narbonne em um livro de 2004 e um livro (2010) de Tanja Staehler. A dissertação de Padre De Melo, da diocese de Mariana (Brasil), mostra a importância decisiva dessa inspiração e traz, desse ponto de vista, uma novidade entre os muitos estudos sobre vários aspectos do autor lituano-francês.

A dissertação é dividida em três partes, cada uma integrando três capítulos – portanto, um conjunto de nove capítulos. A primeira parte se concentra sobre o tema do ἦρωϛ, a segunda sobre o ἐπέκεινα e a terceira sobre temas que partem da virada ética da filosofia primeira proposta por Lévinas. A segunda parte apresenta o fio condutor de toda a dissertação. O termo ἐπέκεινα, já inserido no “Prefácio” de *Da existência ao existente* (1947), envolve de fato, mas discretamente, uma primeira fenomenologia, a do ἦρωϛ que a primeira parte da dissertação se desdobra referindo-se aos primeiros textos de Lévinas, em particular ao livro de 1961, *Totalidade e infinito*. O tema da ἐπέκεινα é então interpretado de modo seguramente novo em 1974, na publicação intitulada *De outro modo que ser* e sua atenção ao termo “sensibilidade”. Essas duas primeiras partes da dissertação começam analisando os textos de Platão, depois de Lévinas, e terminam com um capítulo de síntese. A terceira parte é construída de uma maneira diferente. De modo preciso, a terceira parte aprofunda alguns dos temas indicados na segunda parte, alargando as temáticas que precedem os temas do estrangeiro, da linguagem e da razão.

* Paul Gilbert, S.J é professor emérito e ex-diretor (decano) do departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Tradução do italiano por Cristiane Pieterzack, doutoranda em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. E-mail: ir-cris@hotmail.com

A dissertação reenvia a um grande número de estudos. Os principais estudos foram integrados para desenvolver alguns temas específicos. A dissertação não considera que os comentários de um autor particular pudessem acompanhar o percurso completo do estudo. No entanto, a explicação do real tema da pesquisa, a sensibilidade compreendida à luz da preposição “além” (o ἐπέκεινα de Platão), envolve a maioria das categorias de Lévinas. Poder-se-ia mostrar que este distingue “sensível” e “sensibilidade”, e que essa distinção atravessa toda a sua construção filosófica como se fosse uma pedra angular. O sensível é quase empírico; a sensibilidade é, ao invés, de ordem propriamente fenomenológica. O significado levinasiano da sensibilidade é, todavia, construído de modo evolutivo, de *Totalidade e infinito* a *De outro modo que ser*. Mario Vergani (citado p. 182, nota 54) distingue a sensibilidade-conhecimento (o que seria característico do livro de 1961) e a sensibilidade-significação (nas demais reflexões, de 1972). No entanto, trata-se de um tema aparentemente pouco original na cultura contemporânea, sobretudo na França, que insiste sobre o agir mais que sobre o conhecer; no entanto, a maneira levinasiana de tratá-lo é única.

Ter escolhido como estudo doutoral a leitura que Lévinas propõe de Platão, permite-nos aprofundar de modo singular a reflexão ética sobre a alteridade, que é difícil e é hoje muitas vezes banalizada. Os comentários de Platão oferecidos por Lévinas, no entanto, não são triviais. O autor judeu revela a originalidade, ainda para os dias de hoje, do pensador pagão, embora muitas vezes oculto. São comentários que liberam a significação do texto grego das pré-compreensões dualísticas que os manuais impõem à cultura midiática de hoje, e talvez de sempre. Nisto, a dissertação de De Melo participa de uma nova exegese de Platão, revelando as tensões imanentes que emergem principalmente das distinções propostas pela escola de Tübingen (e de Giovanni Reale na Itália) em relação às obras publicadas pelo próprio Platão e outros não publicados por ele, mas inseridos pelos alunos em seus livros. Parece que os textos nos quais se baseia a reflexão de Lévinas provêm das transcrições tardias do ensinamento oral de Platão. Notamos que essa observação sobre o modo de ler Platão nos envia aos mesmos modos de hermenêutica que Lévinas expõe em seu artigo “L’Ecrit et l’oral” de 1952, relativizando, assim, a importância da exegese proposta por Tübingen.

A leitura dos textos de Platão utilizados por Lévinas evidencia a diferença de intenções entre *Totalidade e Infinito* e *De outro modo que ser*. O tema dos ἔρως seria mais do primeiro livro, e o da ἐπέκεινα do segundo. No entanto, já indicamos que a ἐπέκεινα de *A República* VI (509b)

foi indicada como fundamental em 1947. Na realidade, o “além” ou a *ἐπέκεινα* é ambíguo. Os dois momentos de *Totalidade e infinito* e *De outro modo que ser* o manifestam.

O primeiro livro distingue “desejo” e “necessidade”, sinalizando que existe na subjetividade um dinamismo que não tem fim, precisamente, o desejo oposto à necessidade a qual esgota uma vez alcançado aquilo que faltava à subjetividade. Ora, o desejo especificamente dito é seguramente extático e constitui uma potência da subjetividade rica em sua essência, de si mesmo. O aspecto indefinidamente extático do desejo marca, assim, a superação da ontologia clássica, cujos conceitos fundamentais fecham a pesquisa e reafirmam ilusoriamente a consciência. A consideração do desejo acompanha a fenomenologia do ser humano graças à qual a reflexão fundamental passa da ontologia formal para a ética concreta. A escolha de estudar a *ἐπέκεινα* é certamente, nesta situação, o indício da ultrapassagem levinasiana de toda pretensão ontológica em favor de uma ética do compromisso que chamaríamos livre e pessoal.

Em *De outro modo que ser*, a distância evidenciada pela *ἐπέκεινα* de Platão se aprofunda. Aparece de fato a expressão “passividade mais passiva que toda passividade” (citada na p. 262, nota 134 – ver também p. 320), uma expressão que não faz muito sentido fora da evolução da fenomenologia levinasiana. Esta expressão parece significar que a subjetividade, por si mesma, ou seja, erótica e onipotente, não é aquela que a *ἐπέκεινα* platônica havia proposto; em 1972, a expressão de inspiração platônica significa que o “dom” vem através da subjetividade, a fim de torná-la dinâmica e provocá-la. Neste momento, a reflexão assume um léxico do corpo que era menos usado antes; fala-se, por exemplo, de pele. A experiência do “sensível” agora muda radicalmente de estatuto; torna-se uma experiência da “sensibilidade” – isto é, de uma passividade mais originária do ponto de vista da subjetividade, superando o ponto de vista do conhecimento conforme sinalizava a interpretação de Vergani já mencionada. A passividade não é atribuída à incapacidade humana de atingir o objetivo de seu desejo, mas ao dinamismo provocado pela aproximação do estrangeiro, pelo “outro” que toca a minha pele. As reflexões de Platão sobre o “outro”, por exemplo, no *Sofista* 255e (ver pp. 210-211), corrigem nesse momento o que a erótica poderia sustentar em uma forma de auto referência muito ilusória, como se a subjetividade fosse “capaz” de ir por si mesma em direção ao seu fim paradoxalmente indefinido.

As análises de Lévinas são muito refinadas. No entanto, elas sofrem o peso vindo das dificuldades reconhecidas no modo husserliano de fazer fenomenologia, em particular no que diz respeito à tese sobre a intuição e a redução à essência; essas teses metodológicas impõem

uma atitude racionalizante, ao passo que uma atitude estritamente ética seria necessária para levar a análise fenomenológica a um maior radicalismo. Esta posição fundamental de Lévinas, no entanto, que constitui um corolário inevitável de sua perspectiva fenomenológica original, torna a sua proposta frágil.

Por um lado, o racionalismo (Husserliano ou outro, não importa) não consegue levar a sério as realidades como elas aparecem e são. Lévinas o afirma [assertiva] no início de *Totalidade e infinito*. O pensamento filosófico não pode deixar de saber que “o estado de guerra suspende a moralidade”. É, portanto, indispensável e urgente que os filósofos escapem da filosofia transcendental clássica pela qual, no final do raciocínio, poder-se-ia dizer que, em suma, tudo é verdadeiro, bom e belo, e que o mal é apenas um acidente doloroso, privação da plenitude devida. A realidade humana resiste a esse arranjo de ideais; impõe, portanto, à razão realista uma virada, uma nova atenção à sua dura verdade, sem perdê-la. A fenomenologia aqui demonstra quão grande é a sua capacidade filosófica. Por outro lado, no entanto, a razão não pode perder a essência de seu projeto; não pode prescindir da busca de mediações, da primeira causa, do princípio universalmente unificador; a esperança da paz é intrínseca à atividade da razão, que não pode renunciar ao desejo de que seja plenamente eficaz. A posição de Lévinas revela-se, portanto, frágil.

As críticas de Lévinas à razão são, no entanto, constantes. Seu artigo de 1951, “A ontologia é fundamental?”, luta contra uma tradição bem estabelecida e longa, renovada pela fenomenologia heideggeriana. O discurso sobre o ente “enquanto é” o mais universal, nunca é suspenso, porque estrutura a atividade racional. Talvez devêssemos, portanto, pensar que há “razão” e “razão”, porque uma crítica legítima da razão não pode fazer sem razão para ser audível. Todos os filósofos, especialmente durante o século passado, viram essa tensão interna da razão, exceto na direção neopositivista que, ao rejeitar todo significado da reflexividade, não pretende pensar sobre o pensamento, isto é, não pensa. Derrida mostrou então a Lévinas, em seu artigo “Violência e metafísica” de 1964, que é inútil criticar os filósofos gregos com os instrumentos de sua filosofia. A razão fenomenológica e transcendental de Husserl também não convence. A fenomenologia é descritiva. Suas elaborações especulativas não podem ignorar essa primeira determinação. Devem permanecer-se fiéis a isso. Deste ponto de vista, Lévinas está perto de Jean-Paul Sartre. O itinerário de Lévinas, que vai de *Totalidade e infinito* até *De outro modo que ser* oferece uma demonstração de sua capacidade descritiva, revelando aspectos que Sartre se tornara incapaz de colocar em relevo, por suas razões ideológicas. A interpretação

do observado segue fielmente o que o observado revela, o único critério de sua exatidão ou adequação. As pressuposições da razão transcendental são descartadas e substituídas pela descredencia da fenomenologia. Para *Totalidade e infinito*, o ἔρωσ nasce do *ego*; para *De outro modo que ser* o dinamismo do ἔρωσ não se origina mais na subjetividade, que é, ao invés, passividade, “mais passiva que qualquer passividade”. O fenômeno mais claro em um nível da sensibilidade de tal ἔρωσ é a pele, metáfora de uma proximidade que também é uma distância. No nível da linguagem, o fenômeno original é a chamada “sem palavra” do “outro” e a minha resposta: “eis-me”.

Mas tento uma reflexão fundamental, uma crítica a Lévinas. A filosofia de Lévinas não seria “negativa” no sentido que damos à “teologia negativa”, isto é, uma filosofia que não pode ser fiel ao seu projeto sem passar por um momento negativo, com o risco de permanecer na negatividade? A razão é reconhecida como problemática pela filosofia contemporânea. Na dissertação, os termos da família do “excesso” [*ex-cedência*] não são raros (por exemplo, pp. 92, 102, 147, 299); exprimem uma posição clara de Lévinas, que é também a de muitos autores recentes (por exemplo, Stanislas BRETON, *Deux mystiques de l'excès: J.-J. Surin et Maître Eckhart*, Cerf, Paris 1985 – a incidência do Mestre Eckhart sobre a reflexão fenomenológica, primeiro em Heidegger e depois em Michel Henry, é bem conhecida). A questão do excesso diz respeito imediatamente, é óbvio, à questão do “além”, do outro. Para Lévinas, a essência da razão seria “an-árquica”. Por “anarquia” entende-se a ausência de uma origem, de uma fundação dada *a priori* pela razão a si mesma. A razão é anárquica porque é passiva e em espera. Para o filósofo judeu, a razão é caracterizada como uma “racionalidade afetiva” (ver em particular pp. 280 a 289). A “razão an-árquica se descobre na proximidade da qual emerge a significância ética da sensibilidade, no movimento do ‘*um-para-o-outro*’” (273). Citando *De outro modo que ser*, De Melo escreve que a proximidade se dá em “uma relação com uma singularidade sem a mediação de qualquer princípio, de qualquer idealidade” (279).

É, porém, possível e inteligível tal “razão”? A razão não seria precisamente a faculdade da mediação? As exagerações de Lévinas, Paul Ricoeur diria as suas “hipérboles” (em *Soi-même comme un autre*, Seuil, Paris 1990, p. 388), não estão arruinando o senso tanto comum quanto necessário da razão, provocando com o seu afundamento a construção de uma filosofia romântica, de bons sentimentos? As metáforas de Lévinas podem ser categorias de ciência filosófica, isto é, universais e necessárias? O “rosto” é origem, mas quando o ácido o destrói, o que diria a análise fenomenológica? As descrições da fenomenologia levinasiana são

satisfatórias sob todos os pontos de vista? O pensamento do autor judaico renuncia às determinações reflexivas do discurso transcendental. Porém, não parece que Lévinas pretenda assumir de qualquer modo a sua intenção fundamental de universalidade e de necessidade? Com qual direito? Com qual resultado? As análises fenomenológicas, incluindo as do fenomenólogo judeu, teriam outra intenção? O que está nos mostrando?

A dissertação é excelente, bem pensada, bem escrita. O argumento é preciso, progressivo, às vezes não muito mais claro do que o próprio autor estudado, mas com competência e discernimento para aproximar as suas categorias que iluminam mutuamente; o sistema das categorias de Lévinas, que se ligam umas às outras, é então um dos pontos mais sutis de sua proposta. Procurei, na minha interpretação, evidenciar as linhas fundamentais que apoiaram a reflexão de Padre De Melo e que são muito válidas. Assim fazendo, pode-se evidenciar a direcionamento progressivo de Lévinas, especialmente no que diz respeito ao termo “desejo”, e interpretar a passagem que vai de *Totalidade e infinito* a *De outro modo que ser* de tal forma que não é apenas uma resposta às críticas propostas por Derrida em 1964, e que nem sequer é um simples exagero das categorias de 1961.

Existem poucas análises de textos feitos de acordo com as normas de uma exegese literal (além disso, a aplicação a Lévinas da exegese de Platão proposta por Reale não convence – ver pp. 21, 34-38, 248 – e nem mesmo aquela de Narbonne – pp. 103-111, etc.), mas também não há erros de interpretação.

Pergunto-me se para esclarecer o título, não seria suficiente escrever “sensibilidade” entre aspas? Alguns pontos da literatura de Lévinas mereceriam ser desenvolvidos ou, pelo menos, assinalados. O livro *De Deus que vem à ideia* (1982, 8 anos depois de *De outro modo que ser*), por exemplo, é mencionado apenas em duas páginas (224 e 302); aqui está um tema que o autor poderia estudar em um futuro próximo. Noto que a obra menciona apenas uma vez (p.216, nota 50) um livro muito bem feito, mas que, em geral, permaneceu muito discreto entre os estudos sobre Lévinas (e dos quais eu soube da existência poucas semanas atrás): Cesare DEL MASTRO, *La métaphore chez Lévinas. Une philosophie de la vulnérabilité*, Lessius (donner raison), Bruxelas 2012: a metáfora não seria uma figura literária essencial para a interpretação no trabalho de Lévinas (pensamos na “pele”)?